

CAPÍTULO 1

O mordomo... Mrs. Hill e as duas criadas...

Não é possível usar roupa sem que esta seja lavada, tal como não é possível andar sem roupa, pelo menos, não no Hertfordshire e não em setembro. Não havia forma de fugir ao dia da barrela, mas, aos olhos de Sarah, a purificação semanal da roupa da casa representava, ainda assim, uma perspectiva sombria.

Às quatro e meia da manhã, quando ela começava a trabalhar, o frio era cortante. O braço de ferro da bomba estava gelado e, mesmo com as mitenes calçadas, as frieiras doíam-lhe enquanto fazia subir a água da escuridão subterrânea para o balde que a esperava. Aguardava-a um dia longo e isto era apenas o princípio.

Tudo o mais se encontrava imóvel. As ovelhas encostavam-se umas às outras, aqui e ali, pela encosta; as aves, nas sebes, estavam agachadas, parecendo bolas de lanugem; no bosque, as folhas caídas restolhavam à passagem de um ouriço; o ribeiro refletia a luz das estrelas e cintilava sobre as rochas. Mais abaixo, no celeiro, as vacas soltavam nuvens de vapor quente e, no chiqueiro, a porca retorcia-se, com os leitões amontoados contra a sua barriga. Mrs. Hill e o marido, lá no alto no seu minúsculo sótão, dormiam o sono sem sonhos do cansaço extremo; dois andares mais abaixo, no quarto principal, Mr. e Mrs. Bennet pareciam um par de túmulos no adro da igreja por baixo da cobertura. As jovens senhoras, todas as cinco a dormir nas respectivas camas, sonhavam com o que quer que fosse que sonham as jovens senhoras. E por cima de tudo aquilo, cintilava o brilho gelado das estrelas; refletindo-se nos telhados de ardósia, nas lajes do pátio, na latrina, nos arbustos e na pequena mata que se estendia a seguir ao relvado, nos buracos onde os fai-

sões se aninhavam e em Sarah, uma das duas criadas de Longbourn, que dava à bomba e enchia um balde, arrastava-o para o lado, com as palmas das mãos já doridas, e depois puxava outro balde para o encher também.

Por cima das colinas a este, o céu começava a clarear e a ficar de um índigo transparente. Sarah levantou os olhos, com as mãos enfiadas debaixo dos braços, a respiração a formar nuvens à sua frente e sonhou com os locais selvagens para lá do horizonte onde já era dia e como, quando o seu dia terminasse, o sol estaria ainda a brilhar noutras paragens, como Barbados e Antígua, e a Jamaica, onde os homens escuros trabalhavam seminus, e as Américas, onde os índios quase não usavam roupa nenhuma e onde, por causa disso, pouco trabalho de barrela havia. E sonhou que um dia iria até lá e nunca mais teria de lavar a roupa interior de ninguém.

Porque, pensou, enquanto prendia os baldes à vara, a colocava sobre os ombros e se indireitava, vacilante, *a verdade é que ninguém devia ter de tratar da roupa interior suja de outra pessoa*. As jovens senhoras podiam comportar-se como se, por baixo da roupa, fossem suaves e seladas como estátuas de alabastro, mas quando deixavam cair no chão do quarto as camisas sujas para que as levassem e limpassem, revelavam-se as criaturas de corpos frágeis e com fluidos que realmente eram.

Talvez fosse por isso que lhe transmitiam as suas instruções escondidas atrás de um bastidor ou olhando-a por cima da borda de um livro. Esfregando, ela fizera desaparecer o seu suor, as suas manchas, o seu sangue mensal; sabia que não eram etéreas como anjos e, por isso, não eram capazes de a encarar, olhos nos olhos.

Os baldes iam entornando água à medida que Sarah atravessava com dificuldade o pátio, de volta a casa; estava quase a chegar à porta da copa quando lhe escorregou um pé e ela perdeu o equilíbrio. O instante pareceu prolongar-se e ela teve tempo de ver os baldes voarem pelo ar, soltarem-se da vara, esvaziando-se, e de ver o seu trabalho desfeito e tomar consciência de que, quando batesse no chão, ia doer. Depois, os baldes bateram no chão e ressaltaram, com estrépito, espantando as gralhas que grasnavam nas faias. Sarah aterrou pesadamente nas lajes de pedra. O seu nariz confir-

mou-lhe o que já sabia: tinha escorregado em dejetos de porco. Na véspera, a porca tinha escapado para a rua, com os leitões a trotar atrás dela, e ninguém se dera ao trabalho de limpar o pátio a seguir; ninguém tivera tempo. Os dias de trabalho encavalitavam-se uns atrás dos outros e nunca nada estava terminado, pelo que não era possível alguém dizer «Olha, já está, hoje está tudo feito.» O trabalho arrastava-se e apodrecia e ficava à espera, para fazer alguém escorregar na manhã seguinte.

A seguir ao pequeno-almoço, junto à lareira da cozinha, com os pés dobrados por baixo do corpo, Lydia beberricava o seu leite com açúcar e lamentava-se a Mrs. Hill.

— Nem sabes a sorte que tens, Hill. Escondida cá em baixo, bem aconchegada e quente.

— Se a menina o diz, Miss Lyddie.

— Ai, digo, digo! Podes fazer o que quiseres, não podes, sem que ninguém ande atrás de ti a ver o que fazes? Jesus! Se tiver que ouvir a Jane não-podes-fazer-isto-e-aquilo mais uma vez... e eu só estava a divertir-me um bocadinho...

Na sala ao lado, no fundo do degrau que levava à copa, Sarah estava inclinada sobre a tábua de lavar, a esfregar uma bainha manchada. Quando o apanhara do chão do quarto das raparigas, o saiote trazia uma barra de lama com nove centímetros e já passara uma noite de molho em soda cáustica; o sabão não estava a fazer desaparecer a mancha mas ardia-lhe nas mãos, já feridas, gretadas e cheias de frieiras, causando-lhe dores. Se Elizabeth tivesse de lavar os seus saiotes, pensava Sarah muitas vezes, era provável que passasse a ter um nadinha mais de cuidado com eles.

Dentro do panelão de cobre fumegante estava um monte de roupa a ferver; à sua frente, na janela embaciada, escorriam gotas de água. Com cuidado, Sarah passou do estrado de madeira perto dos tanques para o estrado à frente do panelão de cobre, sobre o escuro e escorregadio chão de pedra. Mergulhou o saiote na água cinzenta e borbulhante, agarrou no pau da roupa e empurrou o tecido para o fundo, fazendo sair o ar que tinha dentro e, a seguir, mexeu-o. Tinham-lhe dito — e ela tinha de acreditar que assim

era — que era preciso lavar os saiotos até ficarem muito brancos, mesmo que fosse para ficarem nojentos da próxima vez que fossem usados.

Polly tinha os braços enfiados até aos cotovelos no frio tanque de pedra, e agitava os lenços de pescoço de Mr. Bennet para os enxaguar. Depois, tirava-os um a um e deixava-os cair na tina com água de arroz fria para os engomar.

— Quanto é que achas que ainda nos falta, Sarah?

Sarah olhou à sua volta, para avaliar. As tinas com a roupa de molho; os montes de peças sujas em vários estádios de tratamento. Havia casas em que tinham ajuda para os dias de barrela. Mas aqui não; oh, não. Em Longbourn House lavavam a sua própria roupa suja.

— Ainda há os lençóis, as fronhas e estão ali também as nossas coisas...

Polly limpou as mãos ao avental, começou a contar os montes pelos dedos, e foi quando verificou como estavam rosadas; franziu a testa, virou-as e examinou-as como se fossem interessantes mas não fizessem parte de si. Naquela altura, já deviam estar bastante entorpecidas, no mínimo.

— E ainda temos de tratar dos toalhetes — acrescentou Sarah.

Estavam naquela infortunada altura do mês em que, mais do que era normal, todas as mulheres da casa tinham estado de mau humor, desastradas e de lágrima fácil e, depois, sangraram. Agora, os toalhetes estavam de molho numa tina à parte, de onde se soltava o desconfortável cheiro de um talho; eram os últimos a ser fervidos, no fundo do panelão de cobre, antes de o esvaziarem.

— Calculo que tenhamos mais cinco montes para tratar.

Sarah abafou um suspiro e deu um puxão à costura por baixo do braço; a transpiração já lhe molhara o vestido, uma coisa que ela odiava. Era de uma popelina que Mrs. Hill descrevia como *Eau de Nil*, se bem que Sarah pensasse sempre nela como *Eau de Bile*; em si, a cor feia não era importante, uma vez que ninguém a via com ela vestida, mas o corte sim, bastante. Fora feito para Mary, e destinava-se a braços suaves como um doce, aos bordados, a tocar pianoforte. Não permitia o dobrar e alongar de músculos a sério e

Sarah só o usava porque o seu outro vestido, uma sirguilha cor de rato, tinha sido limpo com uma esponja, torcido, e ainda estava molhado e pendurado na corda ao ar para perder o fedor a porco.

— A seguir mete as camisas — disse. — Tu mexes durante um bocado e eu esfrego-as.

Protege as tuas pobres mãozinhas, pensou Sarah, se bem que as suas já estivessem em ferida. Recuou, afastando-se do painelão de cobre, e dirigiu-se para o estrado junto aos tanques, desviando-se para um lado para deixar Polly passar. A seguir, com as pinças, pescou um lenço de pescoço da goma e observou o gotejar gelatinoso para dentro da tina.

Polly batia com o pau dentro do painelão de cobre, enquanto raspava o lábio inferior com unhas roídas. Ainda tinha os olhos vermelhos e doridos da descompostura que levava de Mrs. Hill por causa do estado do pátio. De manhã, tivera de acender as lareiras, carregar a água e, quando dera por ela, já tinha de preparar o jantar de domingo; depois tinham comido e ficara escuro e quem pode ir apanhar dejetos de porco à luz das estrelas? E não é verdade que, nessa altura, tinha as panelas para esfregar? Tinha as pontas dos dedos bastante feridas por causa da areia. E já que pensava no assunto, a culpa não seria da pessoa que deixara a lingueta da porta do chiqueiro solta, pelo que só fora necessária uma boa focinhada para a abrir? Não é verdade que não deviam estar a acusar a pobre e injustiçada Polly pela queda e trabalho perdido de Sarah — olhou à sua volta e baixou a voz para que o velhote não a ouvisse — mas antes o próprio Mr. Hill, que estava encarregado de tratar dos porcos? Não deviam obrigá-lo a *ele* a limpar a porcaria? Já agora, qual era a utilidade do velho maltrapilho? Onde é que estava quando era necessário? Um outro par de mãos fazia realmente falta, não estavam sempre a dizer?

Sarah ia concordando com a cabeça, soltando uns ruídos de simpatia, se bem que houvesse muito tempo já que deixara de a ouvir.

Quando finalmente o relógio bateu as quatro, Mr. e Mrs. Hill estavam a servir a refeição fria do dia de barrela — os restos do assado de domingo — à família na sala de jantar, e no cercado dos cavalos, as duas criadas penduravam a roupa lavada e o vapor des-

prendia-se dos tecidos molhados na tarde fria. Com o trabalho, uma das frieiras de Sarah tinha aberto ferida e estava a sangrar; levou-a à boca e chupou o sangue para que não sujasse a roupa. Por um instante, deixou-se ficar absorta nas variadas sensações da língua quente na pele fria, a dor da frieira, sangue salgado, lábios quentes; por isso, não estava realmente a ver e podia ter-se enganado, mas pensou ter visto algo a mexer-se no carreiro que atravessava a colina em frente; o carreiro que ligava a velha estrada dos pastores para Londres e a aldeia de Longbourn e, mais além, a nova barreira de Meryton.

— Olha, Polly... estás a ver?

Polly tirou uma mola da boca, prendeu a camisa que estava a pendurar na corda, virou-se e olhou.

O carreiro corria entre duas sebes antigas; os rebanhos e as manadas costumavam percorrê-lo na sua longa viagem do Norte. Os animais ouviam-se antes de serem avistados, um ruído surdo e grave das vacas ainda à distância, os grasnidos mal-humorados dos gansos, os vitelos a berrar pelas mães que tinham ficado para trás. E quando passavam junto à casa, parecia que nevava, transformavam tudo; e havia homens das terras do interior com as suas vozes estranhas, que desapareciam antes mesmo de terem chegado.

— Não vejo ninguém, Sarah.

— Não, mas olha...

O único movimento que havia de momento era o das aves, que saltitavam na sebe, à procura de bagas. Polly virou-se, raspou o dedo na terra seca e desenterrou uma pedra; Sarah deixou-se ficar ali mais um instante, a olhar. A sebe era compacta, cheia de folhas de faia da cor do chá, o azevinho parecia quase negro à luz do sol poente, e os ramos da aveleira estavam nus nos pontos em que tinha sido podada recentemente.

— Nada.

— Mas estava ali alguém.

— Bem, já não está.

Polly pegou na pedra e atirou-a como que para provar que tinha razão. Não atingiu o carreiro mas pareceu resolver a questão.

— Enfim!

Com uma mola na mão e uma outra presa nos dentes, Sarah pendurou outra camisa, com os olhos ainda postos naquela direção; podia ter sido uma ilusão provocada pela luz e pelo vapor, que se erguia sob o sol outonal, no fim de contas talvez Polly tivesse razão — então imobilizou-se, pôs a mão em pala sobre os olhos — e lá estava outra vez, agora mais à frente, a passar por trás de uma zona da sebe que não tinha folhas. Ali estava *ele*. Porque era um homem, tinha a certeza: um vislumbre de cinzento e negro, uma passada longa e rápida, um homem habituado a grandes distâncias. Tirou a mola da boca, gesticulou, acenou com a mão.

— Ali, Polly, estás a ver agora? Um escocês, tem de ser.

Polly teve uma exclamação de impaciência, revirou os olhos, mas voltou-se para observar.

E ele já desaparecera, por trás de uma mancha de espinheiro negro. Mas havia qualquer coisa; Sarah quase conseguia ouvir: um som ténue como se ele — escocês de certeza, com a sua vara cheia de entalhes das contas e um saco às costas cheio de bugigangas e ninharias — fosse a assobiar para si próprio. Era ténue, era estranho, parecia vir do outro lado do mundo.

— Estás a ouvir aquilo, Pol? — Sarah ergueu uma mão vermelha a pedir silêncio.

Polly girou sobre os calcanhares e olhou-a, furiosa.

— Não me chames Pol, sabes que não gosto.

— Chiu!

Polly bateu com os pés.

— É só p' causa da Miss Mary que chamam-me Polly, mais nada!

— Por favor, Polly!

— É só porqu'ela é a Miss e eu não, que lha chamam Mary e eu tive de mudar p'ra Polly, mesmo qu'ò meu nome é Mary tamém.

Sarah deu um estalo com a língua e acenou-lhe para que se calasse, ainda a olhar com atenção para o carreiro. As explosões de Polly eram bastante familiares, mas isto era novo: um homem que palmilhava as estradas com um saco às costas e uma melodia nos lábios. Depois de as senhoras terem acabado as suas compras, ele desceria até à cozinha para vender as suas quinquilharias mais baratas. Oh, quem lhe dera ter qualquer coisa mais bonita que pudesse

usar! Era inútil querer usar o seu vestido de sirguilha, uma vez que era tão feio como o seu *Eau de Bile*. Mas folhetos de cordel e baladas, ou fitas e botões e pulseiras prateadas que ao fim de quinze dias lhe deixariam o braço verde... oh, que felicidade representava um escocês neste sítio isolado, calmo, absolutamente imutável!

O carreiro desaparecia por trás da casa e já não seria possível ver ou ouvir quem passasse, pelo que ela acabou de pendurar a camisa, sacudiu a seguinte e pendurou-a também, numa precipitação desastrosa.

— Vá, Polly, só mais um esforço, está bem?

Mas, numa atitude teatral, Polly afastou-se, atravessou o cercado e foi inclinar-se sobre o muro para falar com os cavalos que pastavam em liberdade no campo ao lado. Sarah observou-a enquanto procurava nos bolsos do avental e lhes estendia fruta que apanhara do chão; acariciou-lhes o focinho durante um bocado, enquanto Sarah continuava o trabalho de ambas. Depois, Polly içou-se para cima do muro e ficou ali sentada, a baloiçar os pés, com a cabeça inclinada, a piscar os olhos à luz do sol poente. Metade do tempo, pensou Sarah, era como se as fadas lhe sussurrassem ao ouvido.

Dada a ternura que sentia por Polly — já que a barrela era realmente um trabalho fatigante quando se está ainda a crescer e não absolutamente reconciliada com as suas tarefas — Sarah terminou o trabalho sozinha e não repreendeu Polly quando se afastou para se entregar ao que estava a fazer, fosse lançar galhos para o ribeiro ou apanhar frutos de faia.

Quando Sarah transportou o último cesto de roupa vazio do cercado, estava já a escurecer e o pátio ainda não tinha sido limpo. Ela despejou a água cinzenta das tinas sobre as lajes e deixou a soda cáustica fazer o seu trabalho.

Mrs. Hill estava com um humor de dia de barrela; passara o dia todo sozinha à mercê das campainhas: os Bennets faziam poucas concessões à sua falta de ajuda enquanto as criadas se ocupavam da roupa.

Quando Sarah entrou, depois de limpar a copa, as mãos a arder, as costas doridas e os braços rígidos devido ao excesso de trabalho,

Mrs. Hill estava a pôr a mesa para o jantar da criadagem. Com uma pancada pousou um prato de escabeche frio e lançou um olhar zangado a Sarah, como se lhe dissesse *Abandonam-me e é este o resultado. Só te podes queixar de ti própria.* A galantina de porco era de um rosa acinzentado, gelatinoso, um prato conveniente quando não havia hipótese de cozinhar. Sarah olhou-a com repugnância.

Mr. Hill fez uma entrada furtiva. Atrás dele, no pátio, Sarah viu de relance um dos trabalhadores da quinta ao lado, que ajeitava o lenço do pescoço e ergueu a mão numa despedida. Mr. Hill limitou-se a acenar-lhe com a cabeça e fechou a porta. Limpou as mãos aos calções, enquanto a língua explorava um dente problemático. Sentou-se. Em cima da mesa, o escabeche tremeu enquanto Mrs. Hill cortava o pão.

Sarah esgueirou-se para a copa e pegou no pote da mostarda, no pote de grés com as nozes de conserva, nos molhos de manteiga e de rábano picante e trouxe esta braçada de condimentos consigo para a mesa, pousando-os ao lado do sal e da manteiga. Começava de novo a sentir as mãos e as frieiras eram um tormento; esfregou-as, friccionando o lado de uma contra a palma da outra. Mrs. Hill franziu o sobrolho na sua direção e abanou a cabeça. Sarah sentou-se sobre as mãos, o que lhe proporcionou algum alívio: Mrs. Hill tinha razão, esfregar as mãos só piorava as coisas, mas não esfregar era uma agonia.

Polly entrou vagarosamente, vinda do pátio, com uma baforada de ar fresco, faces rosadas e um ar de inocência, como se tivesse estado a trabalhar tão arduamente quanto fosse razoável esperar que alguém fizesse: sentou-se à mesa, agarrou na faca e na colher e logo as pousou de novo quando Mr. Hill inclinou a sua face grisalha em direção às mãos unidas e começou a dar graças. Sarah e Mrs. Hill também juntaram as mãos e acompanharam-no com uns murmúrios. Logo que ele terminou seguiu-se um tilintar e esgravatar de talheres. A galantina de porco estalava e tremia debaixo da faca de Mrs. Hill.

— Está lá em cima, então, ‘nhora?

Mrs. Hill nem sequer levantou o olhar.

— Hm?

— O escocês. Está lá em cima com as senhoras? Pensei que, nesta altura, já estava despachado.

Mrs. Hill franziu a testa, impaciente, atirou com um bocado de gelatina para o prato do marido e outro para o de Sarah.

— Quê?

— El'acha que viu um escocês — disse Polly.

— Eu *vi* um escocês.

— Não vistes. Pensaste que vistes.

Mr. Hill levantou os olhos do prato; olhos claros que piscaram na direção de uma e outra rapariga. Reduzida ao silêncio, Sarah picou a galantina de porco; Polly, sentindo isto como uma vitória, engoliu uma garfada com um sorriso. Mr. Hill fixou de novo o seu olhar sorumbático no prato.

— Não veio ninguém cá a casa — disse Mrs. Hill. — Depois de Mrs. Long ter vindo hoje de manhã, não.

— Pensei que tinha visto um homem. Pensei que o tinha visto a descer o carroiro.

— Deve ter sido um dos quinteiros.

Mr. Hill levou a gelatina à boca, e a sua mandíbula andou para trás e para a frente como a de uma vaca, para fazer o melhor uso possível dos poucos dentes que lhe restavam. Sarah esforçou-se por não olhar; era um truque que tinha de praticar a todas as refeições: não reparar em Mr. Hill. Não, quis dizer, não era nenhum dos quinteiros, não podia ser. Ela tinha-o *visto*. E tinha-o ouvido, a assobiar aquela melodia ténue e indistinta. A ideia de que podia ter sido um daqueles garotos escanzelados e miseráveis ou um dos velhotes trôpegos que se encontram sentados nos degraus das vedações, a mastigar os cachimbos — ela não acreditava nisso.

No entanto, sabia que era melhor não protestar, face ao silêncio de Mr. Hill, o mau génio de Mrs. Hill e o espírito do contra habitual de Polly. Mrs. Hill vendo o seu desapontamento, comoveu-se; estendeu a mão e prendeu de novo uma madeixa solta do cabelo de Sarah dentro da touca dela.

— Come o teu jantar, filha.

Sarah teve um vago sorriso fugaz. Cortou um bocado de galantina de porco, cobriu-a de mostarda, depois de molho de rábano,

barrou-a com umas colheradas de molho de manteiga, espetou uma das nozes em conserva e, cuidadosamente, levou aquilo tudo à boca. Mastigou. Sabia a fiambre, era gelatinoso, tinha bocados desfeitos de mioleira e tiras fibrosas de bochechas e pedaços duros inesperados. Engoliu e bebeu um rápido golo da sua pequena cerveja. A coisa boa daquele dia era que estava quase a terminar.

A seguir ao jantar, ela, Polly e Mrs. Hill deixaram-se ficar sentadas, num silêncio fatigado, e foram passando o boião de gordura de ganso entre as três. Sarah enfiou um dedo, tirou uma porção esbranquiçada e amoleceu-a entre os dedos. Esfregou-a nas mãos feridas, depois dobrou e encolheu os dedos. Apesar de ainda estar magoada, a pele ficou de novo macia e não gretou.

Por simpatia com as mulheres, Mr. Hill lavou desajeitadamente a louça do jantar na copa; de lá vinha o som do espadanar da água, do esfregar e bater dos pratos uns nos outros. Mrs. Hill encolheu-se ao pensar na louça.

Mais tarde, Mr. B. ia tocar a sineta da biblioteca a pedir uma fatia de bolo para acompanhar o Madeira, fazendo com que Mr. Hill acordasse de um salto, maldisposto, e fosse a arrastar os pés dar-lho. Cerca de uma hora depois, Mrs. Hill iria buscar o prato cheio de migalhas e o copo sujo, e Sarah iria recolher a louça da ceia das senhoras à saleta e trazê-la para baixo num tabuleiro a tilintar e seria tudo. No dia da barrela, os pratos da ceia podiam esperar pela água do dia seguinte. Também em dia de barrela, Sarah não tinha a atenção necessária para ler o último livro que tivesse pedido emprestado a Mr. B. Em vez disso, trouxe de empréstimo o seu velho *Courier* e leu em voz alta, para Mrs. Hill ouvir, as notícias de três dias antes, o jornal mole de tanto ser dobrado e tornado a dobrar, com a tinta a sujar-lhe as mãos untadas com gordura de ganso. Leu baixinho — para não acordar a criança adormecida ou o velho sonolento — o relato da esperança de novas e rápidas vitórias em Espanha e de como Bonaparte tinha sido forçado a recuar e como dentro de pouco tempo o fariam dar uma volta, o que a fez imaginar a guerra como uma dança e os generais a dar as mãos e a rodopiar. E foi então que se ouviu um barulho.

Sarah afastou o jornal deixando-o pender da mão.

— Ouviram aquilo?

— Eh? — perguntou Mrs. Hill, a pestanejar à beira do sono.

— O quê?

— Não sei, um barulho lá fora. Qualquer coisa.

Ouviu-se um relincho baixinho e as pancadas surdas dos cavalos inquietos nas suas baias.

— Acho que está alguém lá fora.

Sarah pousou o jornal e levantou a cabeça da criança adormecida sobre os seus joelhos.

— Não é nada — disse Mrs. Hill.

Polly endireitou-se, mais a dormir do que acordada. Mr. Hill resmungou, piscou os olhos, depois levantou-se de repente, a limpar o queixo.

— O que foi?

— Ovi uma coisa.

Por uns instantes, todos se puseram à escuta.

— Podem ser ciganos... — sugeriu Sarah.

— E o que é que os ciganos iam querer daqui? — perguntou Mr. Hill.

— Bem, os cavalos.

— Os ciganos percebem de cavalos; os ciganos teriam mais juízo.

Puseram-se de novo à escuta. Polly encostou a cabeça ao ombro de Sarah, com os olhos a fecharem-se-lhe.

— Não é nada. Provavelmente, não passa de uma ratazana — declarou Mrs. Hill. — O gato trata do assunto.

Sarah concordou com a cabeça, mas permaneceu à escuta. A respiração de Polly tornou a abrandar, e o seu corpo foi-se descontraindo.

— Muito bem — disse Sarah. — Cama.

Enquanto Sarah desapertava as fitas do seu corpete, o luar escorria por baixo das cortinas e atravessava o tecido. Em camisa, afastou as cortinas e olhou por cima do pátio para a lua que pairava, grande e amarela, por cima do estábulo. Havia tanta luz que quase parecia ser dia; os edifícios estavam silenciosos, as janelas escuras; não havia qualquer movimento. Com toda a certeza, não se viam ciganos, nem sequer a corrida rasteira de uma ratazana.

Poderia ter sido o escocês? Será que teria decidido dormir ali e sair de madrugada, antes de alguém dar por ele? Se tivesse o saco vazio, iria enchê-lo a uma das cidades que tinham mercado ou fábricas. Seria uma bela coisa, viver uma vida assim. Estar aqui e ali e nunca permanecer num sítio mais tempo do que se quisesse; vaguear por caminhos estreitos e pelas ruas largas da cidade, talvez até ao mar. Amanhã, quem saberia: poderia estar em Stevenage ou até talvez mesmo em Londres.

A chama da sua vela oscilou com a corrente de ar. Sarah soprou para a apagar, deixou cair as cortinas e enfiou-se na cama, ao lado do calor do sono de Polly. Deixou-se ficar deitada a olhar para a janela com a cortina pela frente: não ia conseguir pregar olho essa noite, tinha a certeza absoluta, por causa da lua brilhante e por saber que o vendedor ambulante podia ainda estar por ali. Mas Sarah, sendo jovem, e tendo estado a pé e a trabalhar duramente desde as quatro e meia da manhã, agora que eram onze da noite, rapidamente começou a respirar mais devagar e caiu num sono profundo.

CAPÍTULO 2

«*Considero-o um artifício ignóbil e um expediente verdadeiramente abjeto.*»

Tiveram sorte em o arranjar. Fora o que dissera Mr. B., enquanto dobrava o seu jornal e o punha de lado. Com a Guerra em Espanha e o alistamento de tantos jovens capazes na Marinha havia, para o dizer de forma simples, uma escassez de homens.

Uma escassez de homens? Lydia repetiu a frase, olhando ansiosa para as caras das irmãs: seria realmente verdade? A Inglaterra *estava a ficar sem homens?*

O pai ergueu os olhos ao céu; entretanto, Sarah olhou para Mrs. Hill com uns grandes olhos atónitos: um novo criado vinha juntar-se à casa! Um *homem!* Porque é que ela ainda não tinha falado no caso? Mrs. Hill, segurando o bule do café junto ao peito, devolveu-lhe o olhar arregalado e abanou a cabeça: *chiu!* Não sei de nada e nem te atrevas a perguntar! Por isso, Sarah limitou-se a um ligeiro aceno de cabeça, fechou a boca bem fechada e dirigiu a sua atenção para a mesa, estendendo o prato do pernil frio: a seu tempo tudo se esclareceria, mas não podia perguntar. Não podia dizer o que quer que fosse, a menos que se lhe dirigissem diretamente. Mais valia ser surda que nem uma porta durante estas conversas e parecer igualmente incapaz de formar uma opinião sobre o que era dito.

Miss Mary ergueu o garfo de servir e espetou uma fatia do pernil.

— O Papá não está a falar dos teus admiradores, Lydia... não é, Papá?

Mr. B. inclinou-se para um lado para que Mrs. Hill pudesse servir o café e disse que não, não estava a falar dos admiradores dela: os admiradores de Lydia pareciam ser sempre em quantidade

mais do que suficiente. De trabalhadores, no entanto, havia uma escassez genuína, razão pela qual ele tinha contratado este rapaz de forma tão pronta — isto com uma olhadela apologetica na direção de Mrs. Hill, quando ela passou por trás dele e foi encher a chávena da mulher — apesar de não terem ainda chegado ao S. Miguel, altura em que era costume contratar e despedir criados.

— Não tem objeções quanto a este ato precipitado, calculo, Mrs. Hill?

— Na verdade fico bastante satisfeita por o saber, se se tratar de um rapaz decente.

— E é, Mrs. Hill, posso garantir-lho.

— Quem é ele, Papá? Vem de alguma das casinhas da propriedade? Conhecemos a família?

Mr. B. ergueu a chávena antes de responder:

— É um jovem honesto, de boa família. Tive excelentes referências dele.

— Pela parte que me toca, fico muito contente por passarmos a ter um jovem simpático para nos conduzir — disse Lydia —, porque quando o Mr. Hill está empoleirado lá no alto, na boleia, parece sempre que amestrámos um macaco, o barbeámos numa zona ou outra e lhe enfiámos um chapéu.

Mrs. Hill afastou-se da mesa e pousou o bule do café no aparador.

— Lydia! — exclamaram Jane e Elizabeth ao mesmo tempo.

— Que foi? É verdade, vocês sabem que sim. É tal qual um macaco-aranha, como aquele que a irmã de Mrs. Long trouxe com ela de Londres.

Mrs. Hill baixou os olhos sobre um prato com um motivo de juncos, vazio, se bem que com marcas de ovo ressequido. As três pessoas minúsculas ainda estavam a atravessar a ponte minúscula e o barquinho ainda vogava como uma bicha-cadela no mar de porcelana, e tudo continuava calmo naquela paisagem, imutável e perfeita. Respirou fundo. Miss Lydia não tinha intenção de ofender, nunca tinha. E por mais estouvada que fosse no que dizia, tinha razão: era uma mudança muito bem-vinda. Mr. Hill tinha envelhecido de repente. O último inverno fora preocupante: as longas

viagens, as noites compridas durante as quais as jovens senhoras dançavam ou jogavam às cartas; ele apanhara muito frio, tremera durante horas junto à lareira depois de regressar a casa e a sua respiração tornara-se ruidosa. Os bailes e festas do inverno que se aproximava poderiam dar cabo dele de vez. Um jovem simpático que conduzisse a carruagem e que se encarregasse das tarefas pesadas dentro de casa; as coisas só podiam correr melhor.

Mrs. Bennet tinha ouvido dizer, e estava agora a contar, encantada, ao marido e às filhas, que nas melhores casas tinham só criados para servir a família e os convidados, uma vez que toda a gente sabia que os seus salários eram mais altos e que era preciso pagar um imposto alto por eles, porque todos os rapazes fortes e em boas condições eram necessários nos campos e para a guerra. Quando se soubesse que os Bennets tinham agora um jovem vivo e inteligente em casa, a servir à mesa, a abrir as portas, seria uma coisa de grande nota e espanto para a vizinhança.

— Estou certa de que as nossas filhas lhe ficarão muito gratas, por nos pôr em tal posição proeminente, Mr. Bennet. É tão atencioso da sua parte. E qual é, diga, o nome do rapaz?

— O nome de batismo é James — respondeu Mr. Bennet. — O apelido é dos mais comuns. Chama-se Smith.

— James Smith?

Fora Mrs. Hill quem fizera a pergunta, quase inaudível, mas as palavras foram ditas. Jane ergueu a taça e bebeu um golinho; Elizabeth arqueou as sobranceiras mas pregou os olhos no prato; Mrs. B. olhou para a sua governanta. Sarah viu um rubor subir pela garganta de Mrs. Hill; era tudo tão novo e tão estranho que, por um instante, até a própria Mrs. Hill se distraíra. Depois, Mr. B. engoliu em seco e pigarreou, quebrando o silêncio.

— Como já disse, um nome bastante comum. Fui forçado a agir com alguma celeridade para o agarrar, razão pela qual não foi informada mais cedo, Mrs. Hill. Teria preferido consultá-la antes.

Com as faces rosadas, a governanta inclinou a cabeça, agradecendo.

— Uma vez que os sótãos dos criados estão ocupados pela senhora, o seu marido e as criadas, disse-lhe que podia dormir no

palheiro por cima do estábulo. Fora isto, deixei todos os pormenores práticos e domésticos consigo. Ele sabe que é a si que tem de se dirigir para tudo.

— Muito obrigada, senhor — murmurou ela.

— Bem. — Mr. B. abriu o jornal e refugiou-se atrás dele. — É tudo, então. Fico contente por estar tudo combinado.

— Sim — disse Mrs. B. — Não estás sempre a dizer que te faz falta mais um par de mãos em casa, Hill? Isto vai aliviar-te o trabalho, não vai? Isto vai aliviar-vos a todos.

A patroa indicou Sarah com um gesto da sua mão rechonchuda e, depois, com um aceno em direção aos extremos da casa, indicou o resto dos criados domésticos: Mr. Hill acorçado na cozinha, a espreitar o fogo, e Polly que, naquele preciso momento vinha a descer as escadas de serviço a bater os pés, trazendo consigo uma pilha de toalhas de banho molhadas e um ar carrancudo.

— Devias estar muito agradecida a Mr. Bennet pela sua amabilidade, penso.

— Muito obrigada, senhor — disse Sarah.

Apesar de terem sido ditas baixinho, as palavras fizeram Mrs. Hill deitar-lhe uma olhadela de relance; o olhar das duas encontrou-se por um breve instante.

— Muito obrigada, senhor — disse Mrs. Hill.

Mrs. Bennet espalhou ainda mais uma colherada de compota por cima do último bocado do seu pãozinho com manteiga, enfiou-o na boca e mastigou-o duas vezes. Falou com a boca cheia:

— É tudo, Hill.

Mr. B. levantou os olhos do jornal, olhou para a mulher, e a seguir, para a governanta.

— Sim, muito obrigado, Mrs. Hill — disse. — Por agora, é tudo.

CAPÍTULO 3

*Quando Mr. Bennet casara,
não lhes parecera necessário economizar...*

Sarah transportava um bacio do quarto dos Bennets e atravessou o patamar em direção às estreitas escadas de serviço. Caminhava com cuidado, com a cabeça virada para o lado. Eram apenas águas noturnas, graças a Deus; não a temida pancada surda e imunda dos sólidos.

Chovia a cântaros na rua e confinadas por causa do mau tempo durante a manhã, as jovens senhoras faziam tremer a casa com o barulho. Do andar de cima chegava o som de Mary a estudar piano — para o ouvido não treinado de Sarah, parecia bastante agradável: muitas notas, numa sucessão rápida, e a maior parte delas soava certa —, uma gargalhada de Lydia, som de passos e, a seguir, uma explosão de zanga da pobre Kitty — «Há gente a mais nesta casa! Muita gente a mais!» — depois, a voz de Elizabeth a pedir calma, os tons emolientes de Jane e a seguir, pelo menos por um bocado, silêncio. Azeite em águas revoltas, era Jane: uma manta lançada sobre as chamas.

Sarah, num passo pesado, chegou ao andar térreo e passou pela porta aberta para o vestíbulo, onde apanhou o resmonear surdo de Mr. B., vindo da biblioteca; falava muitas vezes sozinho, para o ar ou para o seu livro: costumava dizer que era a única maneira de garantir que tinha uma conversa decente naquela casa.

Assim que passou a porta, Sarah deteve-se, a meio de um passo: havia outra voz. Era como se o livro com que tinha falado lhe tivesse respondido. Uma voz de mulher, a falar baixinho, de tal forma que não conseguia distinguir as palavras, mas Sarah reconheceu instantaneamente quem falava. Era Mrs. Hill. E ela não parava de falar.

Sarah recuou um passo e espreitou para a entrada. A porta da biblioteca estava fechada. A madeira brilhante, a maçaneta de latão polida: tudo estava como sempre, como devia estar. E contudo, por qualquer razão indefinida, a porta parecia estar fechada com alguma intenção.

O bacio pesava-lhe nas mãos e ela ouvia a chuva a cair lá fora, os algerozes a pingar e Mrs. Hill ainda a falar, baixo, com urgência, insistente, em palavras irritantemente indistintas. Pôr-se à escuta era um pecado capital; a própria Mrs. Hill tinha insistido nisto durante o treino a que sujeitara tanto Sarah como Polly, mas isto era demasiado interessante. Sarah pousou o bacio nas tábuas nuas, esgueirou-se para fora do átrio dos criados e atravessou pé ante pé, de respiração suspensa, o vestíbulo principal.

Com uma mão pousada na madeira fria da porta da biblioteca, pôs-se à escuta. Ainda não conseguia escutar *o que* era dito; só conseguia perceber que era *alguma* coisa; por isso, não se tratava realmente de escutar às portas, pois não? E Mrs. Hill continuava a falar, a falar, e quanto mais tempo falava, mais estranho se tornava que ela continuasse a falar. Mr. B. era pessoa para emprestar um livro, mas não queria ouvir o que a pessoa tivesse a dizer acerca dele. Costumava agradecer todo e qualquer serviço que lhe fosse prestado, mas não levantava os olhos do que estivesse a fazer. Como é que era possível que ela tivesse tanto para lhe dizer e — isto é que era verdadeiramente espantoso — porque é que ele lhe permitia que lho dissesse?

Foi então que algo mudou. Duas palavras de Mr. Bennet, que soaram como pedras deixadas cair ao chão: *Pode ir*, depreendeu Sarah. Atravessou o vestíbulo a correr em bicos dos pés, enfiando-se pela porta aberta para o corredor dos criados. Com o coração aos saltos, agachou-se para pegar no bacio, após o que deitou uma olhadela para trás, para o sítio de onde tinha vindo. Mas Mrs. Hill não apareceu. E dentro da biblioteca o que se seguiu pareceu o que acontece quando a cerveja de gengibre corre mal — quando a rolha salta com um estalo, e o conteúdo jorra em espuma até que tudo o que tinha a sair sai: uma torrente jorrou de Mrs. Hill. Os olhos de Sarah arregalaram-se. Como era possível que ela estivesse tão zangada? Como é que se *atrevia* a estar?

E depois, Mr. Bennet — Sarah quase deixou tombar o bacio e teve de o agarrar com força para que não caísse — não se limitou a mandar Mrs. Hill embora, mas em vez disso levantou a voz sobre a dela e houve uma confusão, com as vozes numa espiral a tornarem-se cada vez mais fortes, depois calaram-se de repente e, logo a seguir, escutou um sibilar furioso, que parou de repente, como se alguém tivesse cortado um fio. Ouviram-se passos, alguém começou a mexer do lado de dentro da porta e a maçaneta girou. Mas Sarah já tinha fugido dali, saíra pela porta lateral e estava a fechá-la atrás de si, virando-se para enfrentar a chuva; não viu Mrs. Hill sair da biblioteca, fechar a porta, e ficar ali um momento, com o peito ofegante, para se acalmar, debatendo-se com o aperto do espartilho.

Enquanto se afastava da casa, Sarah ouvia Mary ainda agarrada à sua música bem como outra escaramuça entre Kitty e Lydia, e dentro de pouco tempo Jane e Lizzy iriam intervir de novo, e a chuva caía pesadamente sobre Sarah, que atravessou a gravilha, abriu com esforço a porta da latrina e se inclinou no pequeno espaço frio e fedorento para despejar o conteúdo do bacio por um dos buracos, para o poço imundo que ficava mesmo por baixo. Tudo era como sempre fora, e, contudo, tudo estava diferente.

Com sete anos, infeliz, e só no mundo, Sarah erguera os olhos a piscar para Mrs. Hill e vira uma pessoa de posses, com o seu avental limpo, touca branca e grande cozinha. Mrs. Hill correra com o Supervisor da Paróquia, fechara-lhe a porta com estrondo nas costas e declarara que ele era como uma raposa a guardar pintos. A seguir puxara um banco para junto da mesa da cozinha para Sarah se sentar e pusera-lhe à frente uma bonita tigela com uma borda azul, cheia de sopas de leite e pão, e ralara açúcar por cima de tudo. Depois, sentara-se a ver Sarah comer. Desaparecida a timidez, Sarah, vinda diretamente do asilo, rapara a tigela até ao fim num ápice. E assim, Mrs. Hill, entre resmungos de desaprovação e abanos de cabeça, a comentar que a maneira como deixavam à fome estas pobres crianças era criminosa, pegara na tigela, enchera-a de novo com bom pão e leite doce e cremoso, colocara-a de novo à frente de Sarah e ralara mais açúcar por cima de tudo.

E por causa daquela segunda tigela de sopas de pão e leite com açúcar por cima, e pelos inúmeros gestos de bondade desde então, para com ela e, mais tarde, para com Polly quando esta se lhes juntara — também de olhos arregalados e igualmente esfomeada —, Mrs. Hill merecia melhor do que aquilo. Pecado ou não, Sarah sabia que nunca mais ia escutar às portas: dali não podia sair nada de bom.